



METROPOLE

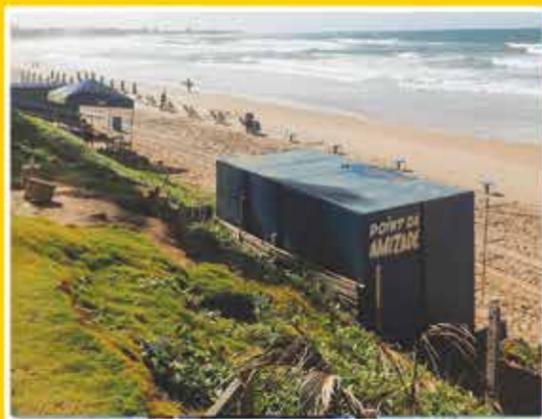
SSA-BA



12 SET 2024

PIORES EMPRESAS DO ANO

Durante anos, elas se esforçaram para liderar os rankings de reclamação, mau serviço prestado e prejuízo ao consumidor. Agora, serão reconhecidas pela Metropole com o prêmio às piores empresas da Bahia. Págs. 2 e 3



Após projetos fracassados e 14 anos sem barracas, orla será entregue a empresa privada em concessão. Pág. 4



Jornalista Bob Fernandes analisa mudanças nas estratégias de campanhas eleitorais. Pág. 8



Usando brechas da fiscalização, antidepressivos são vendidos sem receita na internet e farmácias. Pág. 12

Inimigas do consumidor

Protagonistas no quesito reclamação e prejuízo ao consumidor, empresas se esforçam para levar o prêmio de piores do ano

Texto **Laisa Gama e Mariana Bamberg**

redacao@metro1.com.br

Tem coisas que o tempo não muda. São permanentes e resistentes à força do calendário. Provavelmente, sua cabeça foi levada para temas mais românticos, como um amor de infância, o abraço de uma mãe ou até um talento. Mas talento mesmo têm algumas empresas no quesito acúmulo de queixas e performance negativa na prestação de serviço. E, para elas, essa habilidade sim é de estimação, é imutável. Pode vir o volume de queixas que for, de quem quer que seja, a qualquer momento, elas estarão lá gerando prejuízo e dor de cabeça ao consumidor.

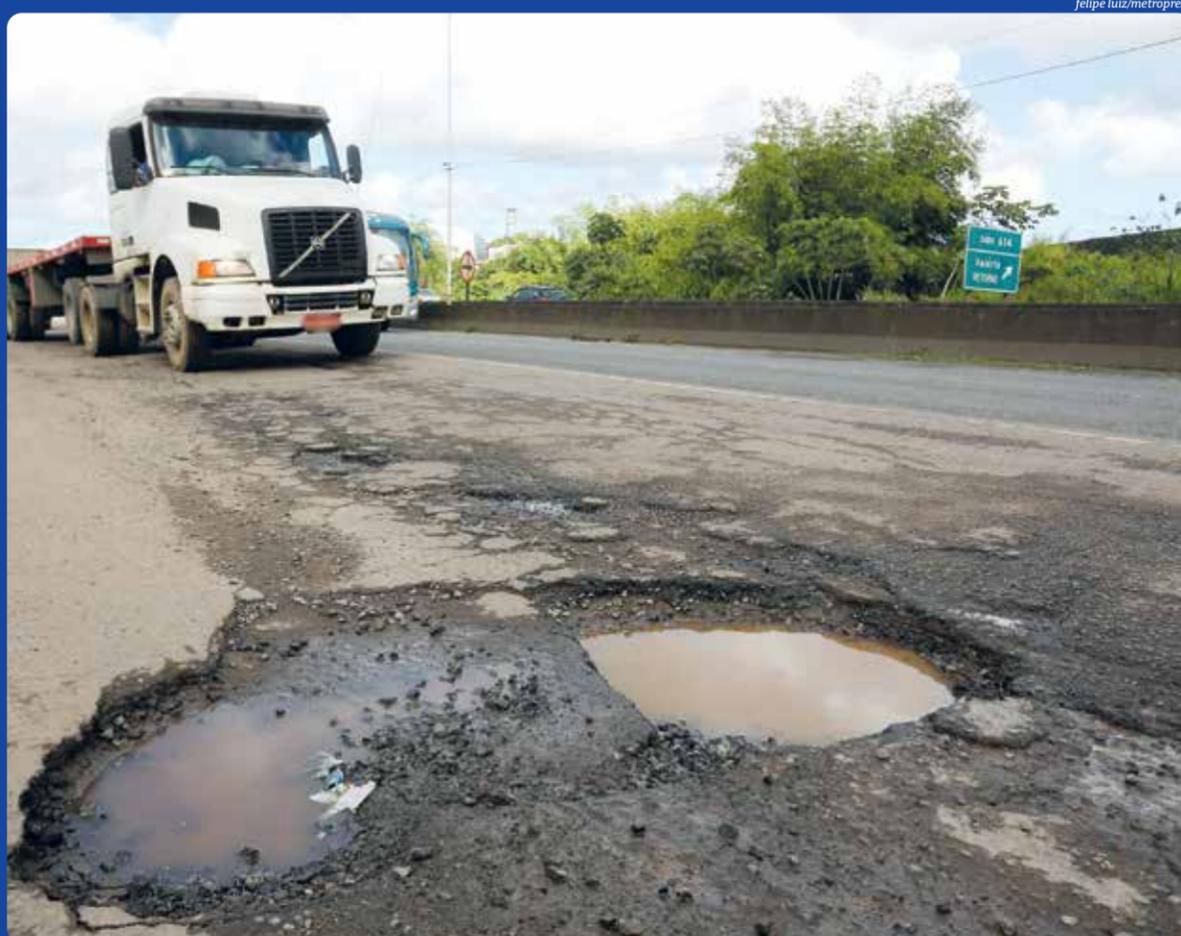
Para reconhecer (e denunciar mais uma vez) o esforço dessas empresas que há anos parecem brigar pelo posto de pior prestadora de serviço do estado, o **Grupo**

Metropole lança um prêmio para os destaques na categoria cacete armado, laranjada, serviço tabajara ou seja lá como o baiano quiser nomear. O nome da premiação, por sinal, ficará a cargo do ouvinte e leitor da **Metropole**, que poderá sugerir nos nossos canais de comunicação.

As concorrentes também poderão ser indicadas e votadas, mas um time seletivo já se destaca protagonizando as reclamações diárias dos ouvintes da **Metropole**. Enquanto uma é capaz de fazer um caos de fios virar marca registrada de uma cidade como Salvador, a outra toma conta da porta de entrada da capital com uma espécie de tapete de buracos há mais de uma década. Na saúde, a briga também é feia para ver quem deixa mais na mão o

beneficiário. Preparem a pipoca, o analgésico para dor de cabeça e escolha a sua preterida.

O nome do prêmio e os indicados serão sugeridos pelo leitor ouvinte da Metropole



VIABAHIA

Parece murro em ponta de faca, mas não tem jeito: a ViaBahia é o maior problema para quem precisa sair de Salvador. A BR-324, por exemplo, passou a ser chamada carinhosamente pelos moradores de BR-buracos. Deputados, secretários e ministros já se mobilizaram e nada parece mudar. A concessão já foi até motivo de mal-estar entre César Borges e Otto Alencar há 12 anos, e o cenário é o mesmo. Não é à toa que a rodovia foi uma das três com maior número de acidentes em território baiano no ano de 2023, segundo Confederação Nacional de Transporte (CNT). Só nos três primeiros dias desta semana, já foram pelo menos cinco registros. Se só os números decidissem, o troféu já teria dono.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Kamille Martinho, Labelle Fernanda, Laisa Gama, Luanda Costa e Mariana Bamberg**
Revisão **Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

COELBA

Nossa próxima concorrente também tem um grande feito: ela pode até não ter causado intrigas, mas é responsável por uma marca registrada das paisagens de uma cidade histórica como Salvador. A cada flash dos turistas e moradores, lá está o símbolo da Coelba: os postes com emaranhados de fios. E não é só isso, há ainda as queixas de quedas de energia, cobranças indevidas e por aí vai. No Procon-BA, ela já é líder em queixas com 689 reclamações só em 2023. E no prêmio da **Metropole** chega para disputar nas cabeças o troféu de pior empresa da Bahia.



reprodução



HAPVIDA

Falar de planos de saúde já é bem complicado, mas quando a conversa gira em torno do HapVida o buraco é mais embaixo. Frequentemente criticada pelos consumidores, a seguradora já foi alvo do Ministério Público da Bahia em uma ação civil pública por, acredite se quiser, falta de condições materiais, estruturais

e sanitárias adequadas à execução dos serviços oferecidos. Neste ano, dois casos envolvendo o plano foram contados aqui no **Jornal da Metropole**. Pacientes do Teresa de Lisieux, hospital pertencente ao HapVida fizeram queixas ao atendimento e ainda relataram supostas negligências médicas. A concorrência aqui é pesada.

FERRYBOAT

Levante a mão quem nunca passou por algum perrengue ao recorrer ao Ferry boat para atravessar para a ilha de Itaparica. Pois é, poucas ficam abaixadas entre os frequentadores assíduos do transporte. Entre as principais reclamações dos usuários do serviço de travessia, administrado pela Internacional Travessias, estão a espera para embarque, as condições das embarcações e até mesmo a falta de limpeza. Em um serviço pago para ser bem feito, o mínimo esperado é que a limpeza e os banheiros estejam em perfeito uso, o que mostrou não ser feito da forma que deveria. Ao Repórter Metrópole, que foi pessoalmente conferir a qualidade do serviço, o público relatou insetos circulando em

meio às embarcações e assentos defeituosos. Mesmo com todas as queixas, o valor do serviço continua aumentando. Em maio, o percentual das taxas teve uma alta de 2,9% nas tarifas.

joa souza/govba



ACELEN

Outra velha conhecida dos leitores, claro, dos motoristas de Salvador, a AceLEN, braço energético do fundo Mubadala Capital, segue firme na corrida pelo prêmio. Afinal, não é qualquer empresa que pode se orgulhar de ter o controle da Refinaria de Mataripe, bater o pé e dizer que não seguirá a política de preços da Petrobras, e enfiar goela abaixo um dos combustíveis mais caros do país. Salvador, por exemplo, só fica atrás de capitais como Rio Branco, Manaus, Porto Velho e Palmas. Não podemos negar que a AceLEN também tem se esforçado.

divulgação



ESPECIAL



METROPOLE

A lista continua

Esses são, por enquanto, os destaques na acirrada briga pelo prêmio de pior empresa na Bahia. Mas correm no páreo ainda Planserv, Unimed, a companhia aérea Tap e tantas outras que também não medem esforços quando o assunto é prestação de mau serviço e desrespeito ao consumidor. Até a entrega do troféu, no final do ano, muita coisa pode acontecer e infelizmente muitas queixas ainda estão por vir. Nunca duvidem da capacidade das nossas concorrentes. A votação para a escolhida campeã será aberta para o ouvinte e leitor da **Metropole**, assim como a escolha do nome do troféu.



Orla à venda

Mais de 10 anos depois de retirada das barracas e frustração de projetos fracassados, orla de Salvador será submetida a mais uma tentativa de renascimento, desta vez com concessão de trecho para empresa privada

CIDADE



Texto **Laisa Gama**
laisa.gama@metro1.com.br

Pensar em Salvador é visualizar praias como principal atividade de lazer, areias lotadas, banhistas se refrescando nas águas mornas de mais de 100 km de orla, um verão eterno, correto? Errado. Há 14 anos, esse cenário deixou de existir na capital baiana. Com a retirada das barracas de praia e principalmente a posterior ausência de alternativa ou alternativas frustradas, boa parte da orla da capital segue submersa a um deserto de banhistas, de atividade econômica, de lazer e cultura.

Agora, 14 anos depois, um projeto promete o “renascimento” da orla. Quem sabe até com o glamour de Copacabana. Com toda essa ambição, a gestão municipal resolveu abrir uma consulta pública para que

a comunidade deixe suas opiniões e sugestões para um projeto que planeja transformar trechos da Avenida Octávio Mangabeira. Mas não é só transformar. É entregar nas mãos da iniciativa privada para que ela execute as obras, promova a transformação e explore o local por 30 anos. A famosa concessão, o que acontece com as BR's 116 e 324 na Bahia, administradas, a trancos e barrancos, pela ViaBahia de 2009 até 2034.

O contrato de concessão vai incluir a reforma e manutenção da orla com 34 novos quiosques e 70 barracas entre as praias da Boca do Rio, dos Artistas e de Pituacu. Ao todo, são 3,5 mil metros, que serão concedidos a uma empresa. A escolha dela, segundo o edital, será feita por concorrência, cujos critérios serão “melhor técnica” e “maior preço” de outorga - valor pago pela empresa à prefeitura.

O edital determina que a concessionária garanta a permanência de permissionários e os 60 comerciantes informais. Mas a preocupação não é só essa. É, na verdade, se haverá finalmente um resgate do local. Afinal, não é a primeira tentativa que mirava a orla carioca e acabou enterrando de vez a soteropolitana e deixando esses comerciantes na mão.

No verão de 2015, o então prefeito ACM Neto anunciou um projeto de requalificação com quiosques em Itapuã, Piatã e Jardim de Alah. As estruturas mais pareciam playgrounds, com vidro e alvenaria, completamente descolados do comportamento do banhista e da estética da orla de Salvador. Via licitação, três empresas construíram e locaram os espaços que nem precisaram de muito tempo para ficar às moscas. A esperança é que a história não se repita.

METROPOLE



reprodução

MIL
3,5
 metros
 entregues
 à iniciativa
 privada

Pallory

CAFÉS ESPECIAIS

- ☉ **Venda de Máquinas**
- ☉ **Conserto**
- ☉ **Locação**
- ☉ **Venda de Café e Cappuccino**

☎ **71 9 8350-0081**

📷 **cafe_pallory**

www.cafepallory.com.br

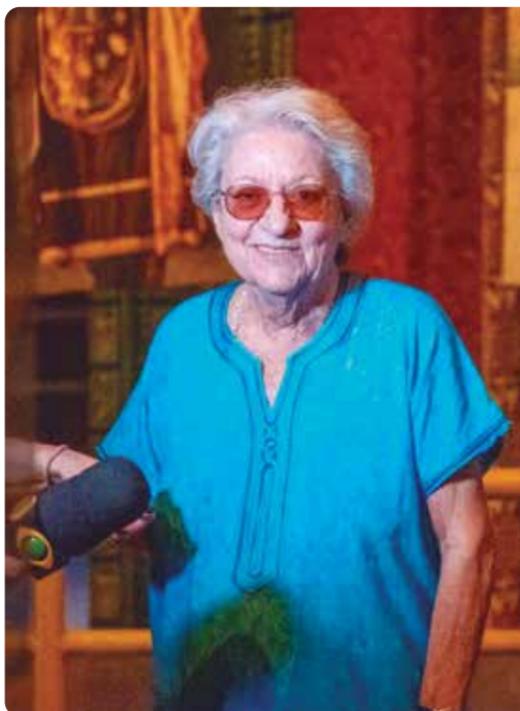
Avenida Luiz Viana Filho, 108
Pernambúes, próximo ao Hotel Pirâmide,
em cima do Viaduto dos Rodoviários.



Registro vivo de Salvador

Acervo de uma das mais notável e experiente fotógrafa em atuação na Bahia pode ficar sem sede com iminente demolição de prédio onde funciona há 31 anos

fotos arquivo pessoal



De tudo quanto Arlete Soares fez [...] nada me parece mais definitivo quanto a sua arte de fotógrafa"

Jorge Amado
ESCRITOR

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

Capturando a Bahia, Arlete Soares desenhou, com sua lente, o tempo e a história. Seu vasto acervo, composto por mais de 70 mil imagens que retratam décadas de transformação de Salvador, está prestes a perder seu espaço. O prédio na Rua Airosa Galvão, na Barra, que abrigou o acervo por 31 anos, será demolido para dar lugar a um edifício residencial. O material tem até o final de setembro para deixar o local.

"Todo o meu acervo, fruto de anos de viagens, será destruído para a construção de mais um prédio que só vai 'enfeiar' a Bahia," lamentou Arlete durante o programa da Rádio Metropole. Na mesma ocasião, Mário Kertész, amigo de longa data da fotógrafa, reforçou seu apoio ao esforço de encontrar um novo local: "esse agora é um problema nosso", disse MK, que logo em seguida buscou apoio do secretário estadual da Cultura, Bruno Monteiro.

HISTÓRIA ETERNIZADA

Arlete foi diretora da Fundação Gregório de Matos, nomeada por MK, prefeito na época. Junto com Mário, ela não só participou, mas foi uma das principais incentivadoras de missões ao Benin, responsáveis pela primeira visita oficial de uma autoridade brasileira ao país africano, em 1987 com Mário Kertész, e por visitas de nomes como Mãe Stella de Oxóssi, Gilberto Gil, Carybé e Jorge Amado. Iniciativas que fortaleceram os laços culturais entre a Bahia e o Benin, culminando posteriormente na criação da Casa do Benin.

Todo o registro dessas viagens está no acervo Arlete Soares. Assim como as múltiplas facetas de Salvador durante os anos. Arlete era já na década de 1970 o drone da fotografia, registrava a cidade de cima e sua essência. Mais de 2 mil livros, alguns deles raros e autografados, além de cartas, catálogos, revistas, postais e objetos de arte, também fazem parte do acervo. Não à toa, o material atrai frequentemente a consulta de arquitetos e estudiosos.

A ideia é que seu novo lar seja no Centro Histórico, pela relação de Arlete com a cidade, mas também para facilitar o acesso a esse material. O secretário demonstrou-se empenhado em encontrar uma solução.



ENTREVISTA

Otto Alencar

SENADOR

Em entrevista à Rádio Metropole, o senador Otto Alencar (PSD) comenta a disputa pela presidência da Câmara dos Deputados e relembra o episódio de mal estar com o então ministro César Borges por conta das condições das rodovias administradas pela ViaBahia

filipe luiz/metropress



ENTREVISTA



METROPOLE

Mário Kertész: *Você sentada aqui, neste mesmo estúdio, denunciou a ViaBahia, inclusive causou mal-estar entre você e César Borges em 2012, que era o ministro de Transporte de Dilma Rousseff. Como está a situação agora?*

Otto Alencar: Naquela época, eu era secretário da Infraestrutura e tive que fazer uma intervenção em um buraco que impedia a passagem, era uma rodovia federal e tive que tomar a iniciativa pelo governo do estado [...] O caso da ViaBahia está no Tribunal de Contas da União. Existe desde a época de Michel Temer um processo de reequilíbrio da tarifa, que nunca foi feito [...] O TCU precisa de uma decisão, se vai dar um reequilíbrio ou não para a empresa fazer os investimentos necessários. Tem espaço para fazer a terceira pista de um lado e de outro, já passamos, fizemos estudos e tem condição de fazer, inclusive, acostamento, para melhorar a saída de Salvador, que só tem esse caminho.

MK: *César Borges chegou a ficar zangado com você? Depois se reaproximaram?*

OA: Essas coisas da zanga da política da zanga só guarda ela quem, ao contrário de ter a virtude de esquecer e perdoar, guardar o ódio. São os acumuladores de ódio, não é o meu caso. [Da parte dele], eu não sei. Eu sou livre, não guardo ódio.

MK: *Na Câmara dos Deputados, o Republicanos deu uma bela jogada ao tirar Marcos Pereira da disputa pela presidência e colocar Hugo Mota. Agora os outros dois candidatos, Elmar Nascimento e Antônio Brito, que é do seu partido, estão se entendendo para buscar outra solução. Qual sua visão sobre isso?*

OA: Não era segredo que Hugo Mota era considerado por todos que conheciam o processo de sucessão na Câmara como o terceiro nome para a disputa, se não desse certo para Elmar, Brito e Marcos Pereira, seria um nome que todo mundo apoiaria. Só que não teve isso então, teve uma reação do próprio Elmar que sonhava ser o candidato do Lira, teve uma reação de Antônio Brito e Marcos Pereira, que apoiou, mas não levou

os votos. Transferência de votos é uma coisa difícil, tanto nas Casas Legislativas quanto na eleição que o povo escolhe. Então vai ter certamente uma eleição que me parece não vai ter unanimidade. Não será como foi a de Artur Lira, que teve a maior votação da história da Câmara dos Deputados. Na minha opinião, está indefinido.

MK: *Isso significa que pode ser eleito uma pessoa que não seja ligado a Arthur Lira, apesar de todo o poder dele? Dizem até que Elmar ficou chateado com Lira.*

OA: Ele tinha certeza que seria o indicado do Lira. Foi uma surpresa [...] Quem indicou Hugo Mota não foi só o Marcos Pereira é claro que foi com o aval de Arthur Lira, por isso desencadeou essa crise. Elmar ficou muito chateado. Tomou, como a gente chama aqui na Bahia, um um balão, não foi indicado. A esquerda não se manifestou ainda. Tem lá em torno de 150 votos, é o fiel da balança, porque aquele que tiver 120 ou 130 e conseguiu aval dos partidos da esquerda certamente vai levar.



Uma campanha vendendo fumaça

Bob Fernandes

Jornalista

Sobre as campanhas e propagandas eleitorais, uma coisa é a forma e outra coisa é o conteúdo. Marçal não está vendendo conteúdo. Na verdade, o que ele está usando é a linguagem dele para combater quem eventualmente queira discutir conteúdo. Assim, ele muda o assunto.

A discussão central até agora na eleição de São Paulo é a presença corporificada de uma facção criminosa em um partido, que eu chamo de sublegenda, que é o PRTB. O presidente da sigla, Leonardo Avalanche, foi gravado dizendo que trabalha para um certo Piauí, o segundo na hierarquia da facção. Esse deveria ser o debate até agora.

Mas o jogo é trabalhar a imagem para

impor um tipo de conteúdo. Um amigo meu me ligou dizendo que encontrou com Pablo Marçal no aeroporto de Guarulhos e ele disse que iria encontrar Nayib Bukele, aquele populista de extrema direita, presidente de El Salvador.

Há uma razão, entendo eu, já que ele tem que ouvir o tempo todo nos debates essa relação com a facção criminosa. Ele foi tomar um banho na lojinha do Bukele, que tem a fama de ser o cara que prende bandido. Foi fazer cortes e cenas com o “maior prendedor de bandidos do mundo”. Foi com a intenção de criar essa cena para viralizar. E mesmo não viralizando ou até ele não indo, foi discutido o encontro dele com Bukele, eu, por exemplo, estou aqui discutindo.

Essa é a diferença entre a campanha de 2002 e a campanha de agora. Marçal trabalha vendendo fumaça. O sujeito que diz no debate que vai fazer um prédio de 1 km de altura em São Paulo. Independente se vai fazer ou não, todo mundo discute o tal do prédio. É um jogo tentando desviar do assunto que é fundamental: a corporificação de uma facção criminosa em um partido. Esse é o debate central da cidade mais rica da América Latina até agora.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

A discussão central eleição de São Paulo é a presença corporificada de uma facção criminosa em um partido

O jogo é trabalhar a imagem para impor um tipo de conteúdo e desviar do assunto principal nos debates

ARTIGO



METROPOLE



três pontos

com Mário Kertész,
Janio de Freitas,
Bob Fernandes e
Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no Youtube.com/PortalMetro1
Reprise as sextas - 19h

**MODA, ARTE,
SAUDADE E
MUITO MAIS!**

POP UP SHOP



ANOTE NA AGENDA:

27,28 E 29 DE SETEMBRO

DAS 10H ÀS 21H

SHOPPING DA BAHIA - L3

ESPERAMOS VOCÊ!



Siga: @popupshop_



As cinzas de São Paulo

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Na segunda semana de setembro de 2024, durante o inverno no Brasil, o mundo foi informado de que São Paulo tinha, neste dia, a pior qualidade do ar, entre todas as metrópoles do mundo. Foi a primeira vez que isso aconteceu, e são plenas as possibilidades de que o Brasil volte a ostentar essa condição outras vezes. Mas a impossibilidade de respirar neste fim do inverno e início da primavera é causada pelas queimadas, boa parte delas criminosas, que se alastram pelo país, atingindo Norte, Centro-Oeste e Sudeste.

O ar não se torna apenas seco, mas carregado de fuligem e cinzas da vegetação incendiada. Os ventos levando poeira de cinza, depositando-a sobre cidades inteiras, casas, móveis, objetos, tornando a respiração insuportável. Coisa de filme futurista. Em São Paulo, e não só lá – mas lá a imprensa noticia melhor, pela concentração de meios noticiosos e de estrutura tecnológica para medir cientificamente o caos -, as emer-

gências hospitalares ficaram lotadas.

ECOCHATOS E PORTO FECHADO

Idosos, crianças, asmáticos e até animais domésticos sofriam mais. Alergologistas recomendam o uso de máscaras resistentes, pois a inalação dos elementos sólidos presentes na atmosfera adoece os pulmões. Não dá mais para colocar a conta da mudança de comportamento diante do meio ambiente na agenda de ambientalistas e ecologistas, até ontem alvos de piadas e do estigma de ecochatos. Estavam certos.

Como ignorar a distopia concreta de ver o Porto de Santos (SP), o maior da América Latina, fechar e parar completamente suas operações no domingo e na segunda-feira? A Capitania dos Portos suspendeu a navegação por duas vezes, somando mais de 18 horas totais, por absoluta falta de visibilidade, causada por uma neblina espessa de fumaça, fuligem e cinzas que turvou toda

a região portuária. A frase era de efeito, usada por ambientalistas, mas agora os brasileiros estão aprendendo seu significado ao respirar. No planeta, não tem dentro nem fora. Todos estão dentro.

Os ventos levando poeira de cinza, depositando-a sobre cidades inteiras, casas, móveis, objetos, tornando a respiração insuportável

ARTIGO



METROPOLE

reprodução



larshopping

36 ANOS

DE QUALIDADE
E DESIGN



@larshopping_oficial



larshopping.com.br



Parcelamento
de até **15X**

Entrega em até
48H

Tráfego letal

Venda de antidepressivos sem prescrição médica inunda anúncios na internet e faz reputação de farmácias que facilitam a compra desses medicamentos

Texto **Labelle Fernanda**
labelle.bastos@metro1.com.br

A história não é nova, mas tem ganhado novos roteiros. Na década passada, o consumo e venda ilegal de antidepressivos e dos famosos tarjas pretas tinham como cenário os balcões de farmácias que costumavam cobrar um valor a mais para dispensar a prescrição médica. Em alguns casos, evocava-se o espírito hollywoodiano e a balconista pedia até uma senha misteriosa para entender do que se tratava. Agora, o cenário se estende à internet e, de tão comum e certeza da falta de fiscalização, perde-se o pudor e os traços cinematográficos.

Uma busca rápida na internet já traz os anúncios: “não pedimos receita”, “compre sem receita agora mesmo”, “não precisa de receita e entrega em todo o Brasil”, tudo isso em letras garrafais, a um clique de distância. Isso sem falar nas farmácias físicas que já têm fama informal de facilitar a compra. E há ainda os supostos médicos que vão às redes sociais indicar medica-

mentos antidepressivos que, segundo ele, não viciam, não causam dependência e não precisam de prescrição médica.

Não é à toa o termo tarja preta. Eles atuam diretamente no sistema nervoso, expondo o paciente a uma série de riscos, inclusive dependência. Há casos até de pessoas que não lembram o que fizeram após o uso de ansiolíticos. O neurologista Ivar Brandi alerta para os perigos: “na fase inicial do tratamento, pode haver piora da ansiedade. Há estratégias médicas para redução do risco. Portanto, o acompanhamento é indispensável”. Ainda assim, o médico relata um crescimento do número de pessoas buscando auxílio médico para tentar reverter os prejuízos causados pelo uso irregular.

É justamente por conta desses perigos que uma série de normas são estabelecidas para a venda legal. O farmacêutico João Costa Fontes explica que é necessária a apresentação de uma receita específica para psicotrópico, a retenção e o cadastro dela em um sistema de controle. “Lembrando que todos esses procedimentos são feitos pelo farmacêutico”, pontua. Mas um simples nú-

mero pode derrubar todas essas travas: só no ano passado, por exemplo, o Conselho Regional de Farmácia da Bahia (CRF-BA) autuou no estado 432 estabelecimentos pela ausência de farmacêutico. Como então elas vendiam esses medicamentos?

Na internet, é fácil encontrar até mesmo supostos médicos indicando antidepressivos que não exigem prescrição



Overdose de Bahia

Texto **Luanda Costa**
luanda.costa@radiometropole.com.br

Entre apelos de comerciantes, anseios de urbanistas, fome do consumidor e a agonia do burro de carga: esta é a Feira de São Joaquim. O espaço que é referência sociocultural de Salvador completa 60 anos neste mês e inicia as comemorações no domingo (14), entre vendas e tradições. Muito mais que comércio, é sinônimo de cultura e resistência soteropolitana. Sobreviveu a uma história regada a fogo e à era dos supermercados, representando até hoje, para muitos, a mãe, como é carinhosamente chamada pelos vendedores mais longevos, capaz de prover o sustento.

O comércio da maior feira livre da Bahia começou muito antes que qualquer um possa lembrar hoje: uma pequena venda nas proximidades do porto, originou o comércio local há mais de 300 anos. Com expansões desenfreadas, realocações e incêndios criminosos, passou a ser conhecida como Feira do Sete, depois Água de Meninos, na região onde os jovens órfãs da Casa Pia se banhavam. A confusão e o local privilegiado (um tanto mais à frente de onde funciona hoje) incomodavam os urbanistas da época. Não por coincidência, o local foi alvo frequente de incêndios criminosos, até o fogo derradeiro, em 1964, atribuído supostamente a um vazamento de gás.

A feira resistiu e logo após o incêndio se reergueu batizada finalmente de Feira de São Joaquim, logo ao lado do local

original. E continua resistindo até hoje. Elizeu Andrade Barreto, conhecido por sua loja “Zeu Massa Pronta”, é um dos trabalhadores que acreditam que tudo que conquistaram foi a feira que prometeu. Quando criança vendia feijão, camarão e azeite com o pai. “Só em 2006 que comecei a vender a massa do acarajé, são 18 anos de muita persistência. Aquela feira ali é uma mãe. Passamos por um incêndio e perdemos tudo, depois de uns anos até quebrei duas vezes, mas sempre nos restituímos”, relembra.

Agora, a comemoração dos 60 anos é em clima de expectativa para a requalificação. Isso porque, em abril, foram retomadas as obras da segunda etapa do projeto coordenado pela Secretaria de Turismo do Estado e iniciado em 2011. A ideia era preservar a autenticidade de um lugar que é overdose de Bahia.

Muito mais que comércio, a feira é sinônimo de cultura e resistência

Centro de cultura e comércio, Feira de São Joaquim celebra 60 anos de histórias e resistência na expectativa pelo fim de revitalização



CIDADE



METROPOLE



Sexta-feira 13 e o azar de Arnold Schoenberg

James Martins

Amanhã é sexta-feira 13. Casualmente (ou não) é também o dia em que se completam 150 anos do nascimento de Arnold Schoenberg. Conta-se que, no alistamento militar para a primeira guerra mundial, o oficial perguntou: “O senhor é o compositor Arnold Schoenberg?”. E ele respondeu: “Alguém tinha de sê-lo e como ninguém quisesse ser, eu resolvi assumir esse encargo”. Dia do azar. Não deve ter sido fácil estar na pele do músico mais influente do Século 20 (junto com Igor Stravinsky), pai do dodecafonismo, mestre de mestres como Anton Webern e Alban Berg e, ao mesmo tempo, praticamente um desconhecido. Talvez por isso aquela veia sempre parecendo prestes a estourar que vemos em sua têmpera nas fotografias e até nas pinturas. Aza-

rada essa tal de música contemporânea, ou música de invenção ou de vanguarda, aparentemente fadada a ser ouvida apenas por uma meia de dúzia.

Schoenberg não será celebrado no Brasil. No final dos anos 1970 e início dos 1980, seu Pierrô Lunar chegou aos ouvidos tupiniquins em uma versão caprichada do poeta Augusto de Campos, sob regência do maestro Ronaldo Bologna, com a soprano Edmar Ferretti mandando ver no “sprechgesang”: cantofalado, espécie de pré-rap em que declamação e cantoria se equilibram, num limiar muito sutil. Porém, estamos andando para trás nesse métier, tendo o volume dedicado a esta obra, na excelente coleção de discos da editora Abril, sido retirado da segunda edição. E pensar que a músi-

ca dodecafônica já chegou a ganhar até uma série natalina, no longínquo e revolucionário 1967, mesmo ano do tropicalismo: *The Twelve Tones of Christmas*.

Agora, li que o maestro da Osba pretende dar “uma bofetada” na cara da sociedade baiana com um concerto de músicas de Belchior. Como se a elite local botasse o fraque e o pincenê e fosse para o teatro crente que ouvirá high culture. Ora, isso já acabou há muito tempo. E nossa suposta intelligentsia tem um repertório musical formado na Globo FM. Parece tropicalismo, mas não é. Enquanto ele julga estar em 67, o semi-inaudito e maldito Schoenberg permanece esbofeteando a mediocridade com seu desafio, inassimilado até mesmo por colegas. Ou supostos. Ouvi-lo às vezes, sim, seria ousado.



Schoenberg não será celebrado no Brasil. No final dos anos 1970 e início dos 1980, seu Pierrô Lunar chegou aos ouvidos tupiniquins em uma versão caprichada do poeta Augusto de Campos



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Lacerda

É impressionante como em qualquer desgraça que aconteça no mundo existirá um brasileiro nas proximidades para dar entrevista ao Fantástico domingo. Pode cair um prédio no interior do Tajiquistão e é certo como o sol que no domingo verei no ar um depoimento gravado pela webcam.

Fausto Silva

“A reunião foi cancelada” é uma das frases mais bonitas da língua portuguesa.

Robertinha

Quando meu salário cai eu fico umas horas sem pagar nada, só olhando pro saldo na conta, imaginando quão incrível seria minha vida se eu tivesse aquele dinheiro todinho só pra comer, passear, comprar besteira de R\$ 1,99, sabe... Eu sou simples...

Filho de Jack

Frases que podem ser usadas no sexo e no almoço de domingo em família: “Essa coxa é uma delícia”, “devagar, você vai acabar engasgando”, “pode sentar, não vai crescer mais não”.

Só os loucos sabem

Onda de calor no Brasil, que é um país tropical, deveria ser feriado, porque 42°C tendo que pegar ônibus, trabalhar e ainda ser simpático é humanamente impossível.

Guto

Adoro a expressão “fiquei meio assim”, porque ninguém nunca fala como ficou exatamente, mas todo mundo entende.

Zema

Não desista, uma hora vai dar certo, porque errado já está dando.

Nega Lôra

Meu filho, Miguel, nunca tinha ouvido a expressão “dar migué” e agora está desesperado em casa achando que vai ser doado.

Buçanha

Procuro agiota com Alzheimer.

Boto Cor-de-rosa

Óbvio que antigamente existia muito mais filósofos, eles não tinham que colocar as opiniões em norma ABNT.



GOVERNO PRESENTE TÁ JUNTO COM A GENTE

Quando tem alguém precisando, baiano que é baiano chega junto. E quando a gente se junta, bote fé, a gente supera qualquer desafio. É por isso que o Governo tá presente em todo canto desse estado. Tá presente no metrô, no combate à fome, no novo Hospital Ortopédico do Estado, no impulsionamento do empreendedorismo negro, na reforma de museus e do Centro Histórico e no apoio a festivais. Tá presente pra cuidar da nossa cultura e pra fazer a nossa capital bater recorde de turistas.



METRÔ É
MAIS TEMPO
PRA VIVER

BAHIA SEM
FOME É CUIDAR
DE GENTE



APOIAR A CULTURA
É VALORIZAR
NOSSA HISTÓRIA

RECORDE
DE TURISTAS EM
NOSSA CAPITAL



GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE